

## **TRABALHO E TRABALHADORES: INDUSTRIALIZAÇÃO NO OESTE DO PARANÁ (DÉCADAS DE 1980 E 2000)**

Rosane Marçal da Silva<sup>1</sup>

**GT 4:** “Trabalho e trabalhadores em tempos de globalização: memórias, histórias, vivências”.

### **Resumo**

A proposta de trabalho aqui apresentada é parte do projeto de doutorado, que tem como objetivo central entender as relações que se articulam em torno do processo de industrialização e das relações de trabalho vivenciadas pelos trabalhadores das indústrias de confecções têxteis de Santa Helena. A cidade de Santa Helena é conhecida, principalmente na região Oeste do Paraná, como um município rico, pois recebe um valor significativo de royalties pagos pela Itaipu Binacional. Nesta comunicação, pretendo discutir sobre alguns elementos e dimensões relativos ao processo de “progresso e desenvolvimento” pensado pelas classes dominantes de Santa Helena, o qual parece querer legitimar uma memória pautada num projeto de industrialização, sem levar em consideração os sentidos e os significados desse processo na vida dos trabalhadores da cidade. Para isso, utilizo-me de algumas matérias divulgadas pela imprensa local, principalmente o jornal Costa Oeste e as entrevistas realizadas com os trabalhadores.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em História pela Universidade Federal de Uberlândia - UFU.  
e-mail: rosanamaraldasilva@yahoo.com.br

A formação do Lago de Itaipu se constituiu como um aspecto de particular importância para se compreender boa parte das relações e das dinâmicas estabelecidas nas cidades do Oeste do Paraná, principalmente aquelas localizadas próximo às margens do Lago de Itaipu, como é o caso de Santa Helena -, considerado um dos municípios que mais recebe royalties<sup>2</sup> pagos pela Itaipu Binacional.

Neste artigo, tratarei centralmente do município de Santa Helena, o qual localiza-se na microrregião do extremo Oeste do Paraná às margens do Lago de Itaipu, ficando a uma distância de 619 km de Curitiba – capital do Estado.

Nas décadas de 1980 e início de 1990, as iniciativas em prol do desenvolvimento da industrialização em Santa Helena se voltaram principalmente para o setor da agroindustrialização, “dentro de uma proposta a nível de Estado, de interiorização do parque industrial” (SANTA HELENA, 1988:12).

Através das atas das sessões da câmara municipal de Santa Helena, é possível perceber que na década de 1980 o processo de industrialização era pensado como uma necessidade para evitar a evasão das pessoas residentes na cidade, uma vez que com o advento da formação do Lago de Itaipu, houve uma redução significativa do número de habitantes no município de Santa Helena. Enquanto em 1980 o número de habitantes chegava à faixa de 34.952, em 1991 estes dados caíram para 18.861 habitantes, tendo um decréscimo populacional de 46%. (SOUZA, 2002: 147).

Conforme o vereador Cabral (assim identificado na ata 676 de 17 de outubro de 1983) naqueles anos crescia uma onda de descontentamento por parte do povo de Santa Helena, o que ocasionava o esvaziamento na cidade, nas vilas e na zona rural. De acordo com ele, esta evasão atingia os pequenos comerciantes, “que também começa a abandonar suas atividades”.

Embora na década de 1980 já houvesse a intenção por parte dos setores dominantes, em promover o desenvolvimento da industrialização, foi somente a partir da década de 1990 e início de 2000 que este projeto se difundiu, ganhando maiores proporções. Neste período os representantes do governo se esforçaram no sentido de incentivar a implantação de indústrias no município. Entre estas indústrias o setor de confecções apresenta um lugar de destaque.

Conforme Rinaldo José Varussa, numa conjuntura, no período apontado, houve aumento no número de empregos no setor industrial, no oeste do Paraná:

Os dados estatísticos alimentam aquela percepção ao denotarem que, entre os anos 1990 e 2000, no Oeste do Paraná, houve um expressivo crescimento de 62,34% no número de empresas no setor industrial, totalizando 2.282 estabelecimentos, o mesmo verificando-se no número de empregos, com crescimento de 68,66% [...] (VARUSSA, 2009:115).

Conforme informações extraídas do jornal O Presente (julho de 2009) de Marechal Cândido Rondon, o gerente da Agência do Trabalhador (Sine), Adelar Neumann diagnosticou que durante o ano de 2008 a indústria de transformação manteve 3.746 trabalhadores admitidos; vindo em seguida o setor de serviços com 2.823; o comércio em terceiro com 1.973; e agropecuária com 222. (O PRESENTE, 08/07/2009, p.7)

---

<sup>2</sup> Conforme informações retiradas do site da Itaipu Binacional, os royalties se constituem em compensações financeiras pagas pela Itaipu ao governo brasileiro e ao governo paraguaio, em virtude da utilização do potencial hidráulico do Rio Paraná para a produção de energia elétrica na Itaipu Binacional. Disponível no site: <http://www.itaipu.gov.br/?q=pt/node/194>. Acessado dia 03 de maio de 2010.

Esta discussão se complementa das observações do jornal “Costa Oeste”, de Santa Helena, em sua edição de 03 de outubro de 2008 onde destacou o aumento do número de empregos no Oeste do Paraná:

O destaque foi Cascavel (Região Oeste), que já havia saltado da 102<sup>a</sup> para 87<sup>a</sup> posição na listagem que analisava os postos de trabalho criados nos primeiros sete meses do ano. Agora o município ocupa o 83<sup>a</sup> lugar, com 3.306 pessoas contratadas em oito meses. Os maiores responsáveis pela geração de emprego na cidade foram o comércio (1.124 vagas abertas) e a indústria da transformação (993). (COSTA OESTE, 2008: 07)

Buscando incentivar o crescimento do setor industrial no município de Santa Helena, dando conta de algumas medidas adotadas pelo poder público no sentido de “propiciar a criação de mais emprego” o jornal “Costa Oeste” anunciava a implantação de um incubatório de aves e matriseiro, uma indústria de refrigerante, e “[...] indústria de confecção em quatro distritos da cidade: São Clemente, Sub-Sede, São Roque e Moreninha. “Nossa meta é gerar 800 a 1290 empregos diretos, sendo que – deste total – 890 já estão devidamente definidos, com as ações em curso”[...]” (SCHIRMANN, 2002:05)

O objetivo deste artigo é apontar alguns elementos e dimensões referentes ao processo de “progresso e desenvolvimento” pensado pelas classes dominantes de Santa Helena e da região Oeste do Paraná, o qual parece querer legitimar uma memória pautada num projeto de industrialização, sem levar em consideração os sentidos e os significados desse processo na vida dos trabalhadores da cidade.

O Jornal “Costa Oeste” instalado no centro da cidade de Santa Helena, divulgou uma matéria em 1997, que enfatizava o “potencial desenvolvimentista” da cidade de Santa Helena, destacando-a como “um município pujante”, pois nos últimos anos passava por uma fase de desenvolvimento acentuado que gerava emprego e combatia o desemprego e a miséria.

As reportagens da imprensa escrita trabalham com a ideia fomentada pela administração municipal de incentivar a instalação de indústrias e de empresas do setor do comércio e serviços, o que na perspectiva da ação governamental, era o meio de gerar emprego, renda e transformar o município de essencialmente agrícola, em cidade industrial e turística também. (COSTA OESTE, 1997:8)

Nesta dinâmica, os trabalhadores deveriam se adaptar à nova fase de desenvolvimento, isto é, eles precisavam se preparar para as mudanças no mundo do trabalho, pois o mercado de trabalho exigia cada vez mais pessoas com qualificação profissional. Dessa forma, o processo de industrialização era caracterizado de forma positiva, apresentando a solução para os problemas de desemprego e fornecendo melhores condições de trabalho aos trabalhadores. (COSTA OESTE, 1998:6)

Ao ser questionado pelo jornal Costa Oeste sobre a atuação da administração municipal (1997-2000) frente ao problema de geração de empregos e quais as alternativas que o governo vinha encontrando para resolver este problema, o prefeito Silom Schimidt disse: “Estamos terceirizando os serviços públicos que aliás, é uma recomendação da nova política administrativa a terceirização. Terceirizando nós temos um resultado prático e rápido, com isso resolvemos o problema de geração de emprego [...]”. (COSTA OESTE, 1997:9)

Na perspectiva do Prefeito, o problema do desemprego existe e persiste, porque o trabalhador “não tem um preparo profissional”, por isso a administração municipal se empenhava para firmar convênios com escolas de cursos profissionalizantes. Com esta

finalidade as lideranças políticas estabeleciam parcerias que visava beneficiar os empresários que instalar suas indústrias no município.

Diante desse quadro, a Administração Municipal em conjunto com o governo do Estado, implantou uma agência do Sempre-Sine, na cidade de Santa Helena, para atender e orientar os trabalhadores, fornecendo a emissão da carteira de trabalho, encaminhando os trabalhadores para as empresas e o direito de seguro desemprego. (COSTA OESTE, 1998:6)

Em outra matéria, intitulada “Costureiras recebem treinamento”, é possível perceber que na perspectiva das classes dominantes, ao proporcionar a qualificação da mão-de-obra local eles contribuem para a melhoria da qualidade de vida dos trabalhadores.

Os representantes do governo municipal destacaram que promovendo cursos de costura industrial eles obtinham bons resultados, pois ofereciam a oportunidade para homens e mulheres ingressarem no mercado de trabalho, aprendendo o ofício “gratuitamente, em 120 horas/aula de curso”.

Isto instiga a questionamentos sobre qual a noção de trabalho e de trabalhadores que está se constituindo e qual o sentido do trabalho, uma vez que este processo interfere de tal forma na vida e na relação que as pessoas estabelecem com o trabalho que, muitas vezes, elas trabalham em determinado setor porque precisam trabalhar para garantir a vida, e não porque gostam e se identificam com o que fazem.

A constante pressão vivida pelos trabalhadores os coloca frente à necessidade de obter diplomas de qualificação nas mais diversas áreas e atividades, pois esse é um dos critérios para se inserir no mercado de trabalho. Se desempregados os trabalhadores devem se preparar para conseguir uma vaga de emprego. Quando por ventura conseguem um emprego eles precisam se preocupar em se manter nele e não ser substituído por outro trabalhador. Ou seja, um trabalhador torna-se símbolo de ameaça para o outro, num processo contínuo que subtrai do trabalhador o sentido de uma vida plena, em que haja satisfação profissional e pessoal. Essa reflexão se beneficia das contribuições de Ricardo Antunes em seu texto sobre os sentidos do trabalho: “[...] uma vida cheia de sentido fora do trabalho supõe uma vida dotada de sentido dentro do trabalho [...]”. (ANTUNES, 1999: 175)

De acordo com Antunes, isso poderá efetivar-se por meio da demolição das barreiras existentes entre tempo de trabalho e tempo de não trabalho, uma vez que as pessoas são o conjunto dos diferentes aspectos e dimensões da vida.

A concepção de “trabalho ampliado” desenvolvida por Enrique de La Garza Toledo, ajuda na compreensão dessas questões, uma vez que ele leva em consideração as diferentes dimensões do trabalho, compreendendo-o como algo que ultrapassa a restrita relação entre trabalho industrial salariado. (TOLEDO, 2007:11-20)

A noção de trabalho ampliado propõe uma reflexão em que o trabalho é entendido como uma atividade laboral “que envolve não apenas os esforços físico e intelectual, mas também envolve analiticamente as faces objetiva e subjetiva de tal atividade [...]”(TOLEDO, 2007:15). Ou seja, os produtos resultantes do trabalho apresentam uma característica objetiva e uma subjetiva, isto “porque trabalhar, além de ser uma relação com objetos que podem provir da natureza, é uma interação social direta ou mediada com seus componentes físicos e subjetivos” (Idem).

No item a seguir estabeleço um diálogo com as reportagens divulgadas pela imprensa local e as narrativas dos trabalhadores residentes na cidade, procurando identificar e analisar os sentidos e os significados do trabalho para os trabalhadores.

### **Os sentidos do trabalho para os trabalhadores**

De acordo com Antunes as mudanças ocorridas a partir da década de 1980 foram tão intensas, que atingiu a “classe-que-vive-do-trabalho”, “não só a sua materialidade, mas teve profundas repercussões na sua subjetividade e, no íntimo inter-relacionamento destes níveis afetou a sua forma de ser”. (ANTUNES, 2002:23)

Os trabalhadores são inseridos em uma realidade que os coloca diante de novas formas de organização social do trabalho, novas dinâmicas e desafios, num processo em curso no mundo atual.

As articulações estabelecidas entre trabalho e tecnologia têm destacado a questão da qualificação, sendo pautada como uma condição necessária de se obter um emprego. Nota-se também o incremento tecnológico, as novas formas de organização da produção e a introdução ampliada da terceirização.

Parece que a exigência de qualificação baseia-se numa concepção de ensino técnico que tem por finalidade única e exclusivamente preparar o trabalhador para o mercado de trabalho. Nesta perspectiva o que importa é que os trabalhadores aprendam a manusear máquinas ajudando assim a diminuir a taxa de desemprego. Porém, evidências apontam de que estudar, fazer cursos de qualificação não garante emprego aos trabalhadores.

O impacto disso na vida de alguns trabalhadores é assim descrito por Rosa Maria Weizamann:

[...] muitas vezes até pede, né? Há você tem que estudá porque senão não consegue trabalho. Os coitado vão lá, né? Batalham estudam, né? Começa tudo de novo. Depois qui estudo, quê qui ganhô? Não di novo. Então, fica sem trabalho é por falta mesmo de recurso mesmo, não tem uma firma que gere empregos a não ser pela Prefeitura. (Rosa Maria Weizamann, 15/02/2007)

Estudar, buscar aperfeiçoamento realmente parece ser algo positivo, mas a questão é que uma parcela significativa dos trabalhadores em questão não tem condições financeiras para custear um curso de qualificação, sem contar nas demais implicações que isso pode acarretar na vida dessas pessoas.

Para esta trabalhadora, a cada ano que passa fica mais difícil conseguir um emprego na cidade, e muitas pessoas saem do município em busca de um lugar melhor para viver, isto porque “não tem como você sobreviver, porque não tem onde você trabalhá. Quem tá empregado, tá ganhado a conta porque os patrão não tem [...] como pagá, porque também vão fica desempregado”(Idem).

A entrevistada apresentava a visão desse processo de mudanças a partir da experiência de trabalhar e morar na cidade há aproximadamente 15 anos. Ela chamou atenção logo no início de sua narrativa para as transformações que afetou as relações de trabalho dos trabalhadores diaristas. Categoria que ela se incluía como parte.

Na avaliação de Rosa, por volta de 1992, quando ela se mudou para Santa Helena, as diaristas que trabalhavam na limpeza de casa de famílias, conseguiam trabalho, “[...] só que com o passar do tempo através do desemprego dessas própria pessoa que empregava a gente, também foi ficando difícil pra gente o nível de emprego, porque cada um faz o seu próprio trabalho, porque não pode pagar empregada” (Idem).

O processo de desenvolvimento e industrialização enfatizado pelos setores dominantes lança expectativas sobre os trabalhadores, seja em relação às novas oportunidades de trabalho, seja em relação aos possíveis benefícios de lazer e conforto que poderiam desfrutar sem sair da cidade, porém muitas vezes eles se frustram em perceber que na realidade aquelas expectativas não são correspondidas.

Rosa manifestou sua decepção, dizendo que em 1992, o município de Marechal Cândido Rondon (PR) era menor e não apresentava tantas possibilidades de crescimento quanto Santa Helena, mas com o passar dos anos foi Marechal Cândido Rondon que superou suas expectativas em relação às oportunidades de emprego, pois de acordo com ela esta cidade “expandiu. Por quê? Porque veio fábrica de macarrão, de biscoito, aumentaram o laticínio, né? I Por que Santa Helena qui é uma cidade turística tá cada vez indo pra traz, invés de progredi í pra frente?”(Idem).

As reflexões feitas por Rosa apresentam indícios fortes de que o processo de reprodução da memória dominante é vivido de maneira tensa por alguns trabalhadores. Ela baseou-se nos próprios critérios utilizados pela memória dominante sobre a construção de uma cidade turística para questionar qual o lugar e a importância que eles estão atribuindo aos trabalhadores/moradores da cidade, uma vez que estes não conseguem nem mesmo um trabalho para garantir a sobrevivência.

A estratégia, utilizada pelas classes dominantes, de difundir o nome de uma cidade turística, bonita e desenvolvida provavelmente visava ampliar a base social de sustentação da memória oficial, ao mesmo tempo em que pretendia formar uma base de identificação entre as diferentes classes sociais da cidade. Contudo, contraditoriamente, essa incorporação serviu para justificar e alimentar a contestação da forma como esta memória foi construída. Nesses termos, Rosa questionou a ausência de empregos para suprir as necessidades da população residente na cidade, atribuindo tal situação a falta de atenção por parte dos grupos dirigentes municipal:

Na ocasião da entrevista esta trabalhadora estava desempregada e obtinha o sustento da família fazendo alguns “bicos”, entre eles consertando roupas na própria residência. Segundo informações obtidas através de amigos dela, atualmente Rosa reside em Marechal Cândido Rondon e trabalha num frigorífico de aves.

Buscando a compreensão dos sentidos e significados que os trabalhadores atribuem ao trabalho, parece significativa a narrativa de Patricia e Maiara<sup>3</sup>, trabalhadoras residentes no município de Santa Helena. Ambas tentaram um emprego, na Coopagril, em Marechal Cândido Rondon, mas desistiram por conta dos horários. No diálogo, Maiara argumentou que:

Num adianta a gente entrá num serviço que a genti sabe que num vai aguentá, quiném você tem qui acordá [...] uma hora da manhã ai você vai pegá ônibus... ali, acho qui duas horas. I daí você vai voltá, você vai chegá em casa quase cinco horas. U primeiro turno é muito ruim. Daí você num vai cunseguí dormi cinco horas da tarde, vai dormi lá pur umas nove, cê tem qui acorda di novo uma hora. Então, cê num adianta tentá, só suja a carteira, porque é muito difícil a pessoa qui guenta (Maiara, 08/10/2009).

Avalio que os trabalhadores parecem ver o trabalho como o meio de ganhar a vida, garantir a subsistência da família de forma justa e honesta, demarcando um universo de valores e noções em que o trabalho é uma necessidade para garantir a vida.

Quando questionei como Patrícia e Maiara souberam da vaga de emprego na Coopagril, Maiara frisou que quando comentam com as pessoas que estão procurando um emprego, de imediato dizem: [...] há ta precisando gente na Copagril [...] A Lar também precisa di muita gente, mais é porque ninguém guenta a Lar. Você tem qui

---

<sup>3</sup> Entrevista produzida durante uma investigação que buscou discutir o processo de constituição do conjunto habitacional Santa Rita de Cássia e da Curva do Obregon, enfatizando as lutas cotidianas dos moradores destes bairros e os dilemas da busca pela sobrevivência na cidade.

trabalha sábado i domingo, i daí você vai vê u salário pra vê quanto dá, quatrocentos, quatrocentos i quinze, quiném na Copagril. (Idem)

Maiara estava morando em Santa Helena fazia menos de um ano. Antes ela morava em São Miguel do Iguazu e, entre outras ocupações, ela trabalhou no frigorífico da Lar, em Matelândia. Após estar em Santa Helena, ela entrou na Coopagril, em Marechal Cândido Rondon, onde ficou aproximadamente trinta dias e desistiu. Na avaliação dessa trabalhadora, na ótica dos patrões desse setor de trabalho, o trabalhador que não se contentar com as condições e a disciplina de trabalho da indústria pode sair, pois “[...] si você qué, qué. Si você num qué, tchau. Tem quem qué”.

Percebe-se que este constante processo de mudanças que atinge as relações de trabalho é permeado de relações sociais de disputas e mesmo de resistência pelos sujeitos que estão vivenciando tais mudanças tanto no espaço de trabalho como em suas vidas. Maiara, por exemplo, mesmo estando ciente de que precisava trabalhar para garantir a sobrevivência de sua família, ela opta por abandonar o trabalho, pois seus valores unidos e articulados aos significados e sentidos que ela atribuía ao trabalho não correspondia com a perspectiva da empresa e a realidade das condições de trabalho

Tenho percebido que, para os trabalhadores, trabalhar se constitui como algo necessário para viver. Para eles, trabalhar não parece ser um problema, o que se revela como um problema é o sistema de organização do trabalho, as dinâmicas do mercado de trabalho e as dificuldades de se inserir nele.

Eva Marciana Barbosa, 45 anos, se inseriu no trabalho com materiais recicláveis num momento em que sua família passava por dificuldades financeiras, então, para ajudar nas despesas de casa, ela começou a “catar” papel na rua.

Esta entrevistada admitiu que nos primeiros tempos, ela sentia vergonha de trabalhar na coleta de lixo. Mas com o tempo este sentimento foi se desfazendo, porque ela percebia que era “ser humano como qualquer outra pessoa”. Para ela, o fato de catar lixo deixou de ser algo que a inferiorizava, pois estava trabalhando honestamente e “num tô robando, né? [...]”. (Eva Marciana Barbosa, 02/11/2009)

Isto demonstra que o dia-a-dia destes trabalhadores os colocava diante de constantes situações que revelavam a composição de uma sociedade de classes. A partir dessas vivências eles iam formulando suas interpretações sobre o viver na cidade, pois, enquanto os setores das classes dominantes e dirigentes municipais, esperavam e se preparavam, divulgando as atrações e pontos turísticos da cidade com o objetivo de anunciá-los para atrair turistas durante os três meses de “temporada de verão” que acontecia no “Balneário”, alguns trabalhadores também esperavam ansiosos por este período, pois aproveitavam para garantir a renda da família, mesmo que somente por alguns dias. Eva, por exemplo, relatou que nos feriados e nos finais de ano ela passava algumas noites no “Balneário” catando os materiais recicláveis.

Assim como outros trabalhadores, Eva também parou de trabalhar nas ruas após a instalação de uma Usina de Reciclagem na cidade. Na ocasião da entrevista, ela e o esposo trabalhavam na usina.

Na concepção dessa trabalhadora, ela não tinha emprego, ela tinha serviço, pois não tinha carteira de trabalho assinada e, portanto, não tinha uma renda mensal fixa:

eu não tenho registro nenhum, né? eu tô trabalhando, eu trabalho todo dia i tamém não sei quanto qui eu ganho, as veis ganho seiscentos i oitenta, as veis ganho quinhentos, as veis ganho quatrocentos, já cheguei ganhá duzentos i trinta nu mês i pensá assim i falá prus otros, us otros dá risada da minha cara [...]. (Idem)

Na avaliação de Eva, ter um emprego com registro na carteira de trabalho representava ter segurança e instabilidade financeira. Porém, mesmo não tendo um emprego, ela se sentia bem por ter aquele serviço, porque chegava ao final do mês ela sabia que ia receber. Mesmo que fosse pouco, ela podia contar com aquela quantia para cobrir os gastos da família, ao contrário de “[...] antigamente eu não tinha nem esses duzentos, passava anos as veis sem tê [...]”. (Idem)

De acordo com Eva, a maioria dos trabalhadores da Usina de Reciclagem não tinha estudo e eram pessoas de idade mais avançada. Estes elementos eram utilizados como argumentos que explicavam em parte as dificuldades que eles enfrentavam para conseguir um emprego formal.

No entanto, pensar o trabalho como parte das dinâmicas e do modo de vida dos trabalhadores, como uma prática que faz parte do conjunto da vida dos sujeitos e que interage com os diferentes aspectos da vida em sociedade, requer uma reflexão mais aprofundada com as fontes orais. Por ora, destaco um trecho da experiência de Clarete Feo Bussler, 42 anos. Ela trabalhou durante alguns anos, como costureira, produzindo entre outras coisas lingerie, agasalhos escolares e ternos. Com o passar dos anos e a experiência obtida na produção ela foi convidada para atuar como chefe geral numa fábrica.

Porém, ela optou por desistir do cargo de chefe e voltar à função de costureira, pois percebeu que não tinha condições de colocar em prática seu projeto de trabalho. Isto a deixava frustrada, principalmente porque, algumas vezes, os patrões cobravam dela atitudes que não correspondia com seus princípios e valores.

De modo geral, pude inferir que os trabalhadores reconhecem a necessidade da presença de alguém que conduza o andamento do trabalho. Para eles isto não é um problema, mas pode se tornar um problema dependendo da conduta dos sujeitos que ocupam estes cargos.

A distinção dos lugares sociais ocupados pelas pessoas se manifesta e constitui as relações de classe como um aspecto de oposição entre uma classe social e outra, à medida, que suas ações vão criando este campo de diferenças. É instigante pensar nestas relações, quando voltamos o nosso olhar para o ambiente de uma fábrica, onde estas relações são vividas diariamente a partir da interação constante entre os trabalhadores dentro de um mesmo espaço de trabalho.

Por vezes dá a impressão de que, por mais que, os trabalhadores fiquem boa parte do dia dentro do mesmo espaço – a fábrica, alguns deles parecem partir do pressuposto de que dentro desse mesmo lugar, os sujeitos ocupam lugares diferentes ultrapassando uma relação de espaço geográfico. Penso que estas são as dinâmicas do processo de formação dos sujeitos sociais, como seres pensantes e capazes interagir com os processos sociais do qual fazem parte.

Pensar sobre as formas de trabalhar, os sentidos e os significados do trabalho para os trabalhadores é se debruçar numa reflexão sobre a vida, o que é viver bem para estes sujeitos, o que tem sentido e “valor” para eles, qual o sentido de se viver. Estas questões parecem pessoais e subjetivas, mas acredito ser o fio condutor para a compreensão do complexo conjunto da vida em sociedade.

As diferentes formas pelas quais as pessoas lidam com a vida no conjunto dos mais variados aspectos e dimensões são construções que dialogam e partem de suas relações e valores sociais. Dentro do processo de constituição dos sujeitos, eles precisam fazer escolhas e estas escolhas carregam um posicionamento político frente às relações vividas.

Se voltando para o universo dos valores dos trabalhadores, acredito ser possível concluir que, ser patrão ou empregado, rico ou pobre não se constitui como um

problema. O mais importante são os valores dos sujeitos que ocupam estas posições sociais, pois estes terão um peso significativo na forma como lidam com as situações de suas vidas e na relação com o(s) outro(s). Independente da posição social as pessoas podem e precisam ter comportamentos que respeitam o outro ser humano.

Neste artigo, tentei apontar alguns aspectos sobre as dinâmicas e as disputas que envolvem o processo de constituição e implantação de um projeto de desenvolvimento e progresso da cidade de Santa Helena. Contudo, cabe ainda aprofundar esta análise, buscando destrinchar as relações desta memória com a população trabalhadora da cidade, uma vez que é importante compreender como este contexto de mudanças nos mundos do trabalho e dos trabalhadores tem sido vivenciado pelos trabalhadores, levando em consideração as práticas e as dinâmicas elaboradas por estes sujeitos a partir da realidade que experimentam diariamente no conjunto das relações que estabelecem.

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ANTUNES, Ricardo. Adeus ao trabalho?: ensaios sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. – 8ª Ed. – São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2002.

\_\_\_\_\_. Os sentidos do trabalho. Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 1999.

SOUZA, Edson Belo Clemente de. Estado: produção da região do Lago de Itaipu – Turismo e crise energética. Tese de doutorado em Geografia – Universidade Estadual Paulista Campus de Presidente Prudente – Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2002. p. 147

Do conceito ampliado de trabalho ao conceito ampliado de sujeito trabalhador. Enrique de La Garza Toledo. Tradução: Antonio Bosi. Tempos Históricos – Dossiê: Trabalho, Cultura e Poder. Volume 11, 2º Semestre/2007. pp.11-20

VARUSSA, Rinaldo José. Industrialização e trabalhadores: processos de constituição de relações de vida e de trabalho no Oeste do Paraná (décadas de 1970 e 1980). VII encontro internacional do Fórum Universitário Mercosul – FoMerco, 2009.

## FONTES:

a) Imprensa:

COSTA OESTE. A Administração Silom e Mafini completa 150 dias: passaram-se quase 150 dias do governo Silom/Mafini. Entrevistamos os administradores santahelenenses sobre o presente e o futuro de Santa Helena. Maio de 1997.

COSTA OESTE. Aumenta número de empregos no oeste. Santa Helena, 03 de outubro de 2008.

COSTA OESTE. Costureiras recebem treinamento, 13 de janeiro de 2000.

COSTA OESTE. Desemprego preocupa autoridades. Santa Helena, junho de 1998.

COSTA OESTE. Globo mostrou Prodem de Santa Helena domingo. Santa Helena, abril de 1997.

COSTA OESTE. Santa Helena é hoje um município pujante. Santa Helena, maio de 1997.

O PRESENTE. Indústria é responsável por 47% das contratações. Marechal Cândido Rondon, 08 de julho de 2009.

SANTA HELENA. Santa Helena, ano 21: uma cidade turística, 1988.

SCHIRMANN, Adriane. Sem qualificação não há mercado: Agência do Trabalhador já atendeu 3400 pessoas este ano, mas apenas 60 atenderam as pré-exigências. Jornal Costa Oeste. Santa Helena, edição de 03 a 09 de maio de 2002.

b) Entrevistas orais:

Clarete Feo Bussler, 42 anos. Entrevista concedida a Rosane Marçal da Silva. Santa Helena/PR, 10 de janeiro de 2012.

Eva Marciana Barbosa, 45 anos. Entrevista concedida a Rosane Marçal da Silva. Santa Helena – PR, 02 de novembro de 2009.

Patrícia Dias Batista, 21 anos e Maiara. Entrevista concedida a Rosane Marçal da Silva. Santa Helena – PR, 08 de outubro de 2009.

Rosa Maria Weizamann, 33 anos. Entrevista concedida a Rosane Marçal da Silva. Santa Helena/PR, 15 de fevereiro de 2007.

c) Endereços eletrônicos:

Site da Itaipu Binacional, disponível no site: <http://www.itaipu.gov.br/?q=pt/node/194>. Acessado dia 03 de maio de 2010.